

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Thiago Rodrigues Nascimento

NOTAS SOBRE ESTUDOS SOCIAIS, POR
CARLOS MIGUEL DELGADO DE
CARVALHO

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues
NOTAS SOBRE ESTUDOS SOCIAIS, POR CARLOS MIGUEL
DELGADO DE CARVALHO
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182(486): 381-406, mai./ago. 2021

Rio de Janeiro
mai./ago. 2021

NOTAS SOBRE ESTUDOS SOCIAIS, POR CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO

NOTES ON SOCIAL STUDIES BY CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO

THIAGO RODRIGUES NASCIMENTO¹

Resumo:

Carlos Miguel Delgado de Carvalho foi um importante intelectual brasileiro, autor de vasta obra nos campos da Geografia, Sociologia e História. O seu acervo, sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), apresenta múltiplas possibilidades para a pesquisa em História das Disciplinas Escolares e História da Educação no Brasil. Este artigo aborda algumas delas e contém a transcrição de dois documentos, intitulados “Notas sobre Estudos Sociais” e “Notas sobre programas de Estudos Sociais”, redigidos pelo educador no final da década de 1960. Inéditos, indicam as concepções de Delgado de Carvalho para o ensino de História, Geografia e Estudos Sociais. Através de sua leitura é possível depreender as continuidades e rupturas em seu pensamento.

Palavras-chave: Delgado de Carvalho; Estudos Sociais; ensino; acervo pessoal.

Abstract:

Carlos Miguel Delgado de Carvalho was an important Brazilian scholar and author of a vast work in the fields of geography, sociology and history. His collection, housed in the the Brazilian Historical and Geographic Institute (IHGB), offers multiple possibilities for research in the history of school subjects and education in Brazil. The article addresses some of these subjects and includes the transcription of two documents, namely “Notes on Social Studies” and “Notes on Social Studies Programs” written by the educator in the late 1960s. These unpublished notes show Delgado de Carvalho’s conceptions for teaching history, geography and social studies. Their reading makes it possible to trace the changes and continuities in his thinking.

Keywords: Delgado de Carvalho; social studies; teaching; personal collection.

Os professores, conforme argumentam Ana Mignot e Maria Tereza Cunha, não se limitam a ensinar determinadas disciplinas escolares, mas “são produtores de textos que projetam sonhos, expressam dificuldades, eternizam práticas, inscrevem o banal, o singular, o repetitivo, o espetacular da sala de aula². Para as autoras, a cultura escolar impõe essa necessidade de produção de documentos, a partir de “obrigações” institucionais (provas, diários escolares, etc.) e dos relatos da prática cotidiana elaborados pelos professores no (re) pensar do seu labor. Contudo, tais materiais

1 – Doutor em Ciências Humanas – Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde foi bolsista Capes e CNPq. E-mail: thrnascimento@gmail.com.

2 – MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Tereza. Entre papéis: a invenção cotidiana da escola. In: MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Tereza (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 9.

nem sempre são valorizados e muitas vezes acabam descartados pela falta de espaço e ausência de uma cultura de preservação.

As análises de acervos pessoais de professores e educadores contribuem, ao mesmo tempo, para a compreensão do sentido da sua vida e atuação profissional e lança luz sobre aspectos da educação brasileira por eles vivenciados³. Esse artigo apresenta o acervo de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e transcreve dois documentos inéditos – em termos de divulgação e análises acadêmicas – que sintetizam as suas concepções sobre o ensino de Ciências Humanas: História, Geografia e Estudos Sociais. Educador com atuação entre as décadas de 1910 e 1970, Delgado de Carvalho viu e/ou participou de alguns dos principais momentos da História da Educação no Brasil: criação do Ministério da Educação e Saúde (1930), estabelecimento de um sistema nacional de educação organizado pelo Estado, publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), criação das primeiras universidades, reformas educacionais escolanovistas. Presenciou o estabelecimento de duas ditaduras, Estado Novo (1937-1945) e Ditadura Militar (1964-1985), além de ter atuado no processo de organização de múltiplas instituições intelectuais e educacionais ainda hoje existentes, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar de sua importância para a constituição do campo disciplinar e das pesquisas feitas nos últimos anos sobre a sua vida e atuação, Delgado de Carvalho não é um intelectual muito conhecido pelas gerações atuais de historiadores, geógrafos e sociólogos. Assim, consultando seu amplo acervo podemos desnudar aspectos ocultos de sua trajetória e (re) apresentá-lo aos pesquisadores. Num primeiro momento, esboçaremos um breve perfil biográfico do educador. Breve porque é difícil condensar em um artigo uma trajetória de vida de quase 100 anos, mais de

3 – FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. Memória e escritos de um educador. In: MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Tereza (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 114.

70 deles dedicados às atividades de pesquisa e ensino⁴. Posteriormente, abordaremos algumas possibilidades de investigação a partir do acervo e, por fim, transcrevemos dois documentos escritos na década de 1960, intitulados “Notas sobre Estudos Sociais” (1968) e “Notas sobre programas de Estudos Sociais” (1969).

Delgado de Carvalho: breve perfil biográfico

Carlos Miguel Delgado de Carvalho foi um educador brasileiro, com longa trajetória em importantes instituições e partícipe na conformação do campo disciplinar em nosso país. Atuou no Instituto de Educação do Distrito Federal, no Colégio Pedro II – no qual chegou a ocupar a direção interina –, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de ter sido catedrático da Universidade do Distrito Federal e de História Moderna e Contemporânea na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Lecionou Inglês, Sociologia, História e Geografia, com vasta produção de livros metodológicos e didáticos nas três últimas. Usando uma expressão empregada por Helena Bomeny, ao analisar os perfis de Anísio Teixeira e Gustavo Capanema, podemos considerar Delgado como um “intelectual da educação”, aquele que tomou “a educação como bandeira civilizadora⁵”.

Delgado de Carvalho nasceu na França em 1884, período em que seu pai estava a serviço da diplomacia do Império. Faleceu, quase um século depois, em 1980. Segundo Vera Andrade⁶, ele teve uma “sólida

4 – Para um maior aprofundamento sobre a biografia e obra do educador, cf.: CASTRO, Therezinha de. Carlos Delgado de Carvalho. In: SANTOS, Marco Aurélio Martins. *Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009, p. 21-37; MENEZES, Eurípedes Cardoso de. Carlos Delgado de Carvalho: idéias e ideais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 329, p. 105-118, 1980; NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. O ensino de História e Estudos Sociais em John Dewey e Delgado de Carvalho. *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 2, p. 212-236, set./dez. 2015.

5 – BOMENY, H. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 10.

6 – ANDRADE, Vera L. C. de Queiroz. Delgado de Carvalho e a opção pela educação brasileira. In: MENEZES, Lená Medeiros de; TRONCOSO, Hugo Cancino; MORA, Rogélio de la (Org.). *Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições*

formação humanística” em respeitáveis instituições de ensino superior na França, Inglaterra e Suíça. Sua formação foi multidisciplinar – Letras, Direito, Diplomática, Ciências Sociais e Políticas –, o que se refletiu em sua prática e defesa de uma maior integração entre as diferentes disciplinas que compõem as Ciências Humanas. Para desgosto do pai monarquista, Carvalho conheceu o Brasil em 1906. O Brasil foi o tema de sua tese de doutorado: *Le Brésil Meridional: Étude économique sur les états du sud: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul* (1910), publicada em francês. Como afirma Patrícia Costa, Carvalho “fez o caminho inverso de muitos intelectuais brasileiros que sonhavam estudar na França⁷”. Tal capital cultural lhe permitiu propor mudanças nos métodos de pesquisa e ensino que vigoravam no Brasil no começo do século XX. Sobre as escolhas didático-metodológicas é relevante o depoimento do próprio Delgado de Carvalho, em documento datilografado da década de 1970.

A partir de certa época, quando lecionava Sociologia no Colégio Pedro II, passei a me dedicar ao ensino da Geografia e da História e tive ocasião de escrever vários compêndios, de acordo (mais ou menos) com os professores da época que eu não deixava de criticar com certa franqueza. Passei então a ter novas idéias sobre reformas a fazer no ensino das Ciências Políticas no grau colegial.

Eu tinha chegado à conclusão seguinte: os estudos da matéria dispunham aqui de bons livros estrangeiros sobre os assuntos, mas os livros nacionais ainda se limitavam à chamada “decoreba”. Era isto tido por suficiente para os “exames parcelados” da época; o mal não estava só nos compêndios, mas nos próprios exames que se limitavam a dar nota ao que os candidatos tinham memorizado sem maiores comentários e explicações.

Eu, cedo me insurtei contra esses métodos que tornavam enfadonhos os mais interessantes estudos ou assuntos. Foi um escândalo, quando em 1930, na escola normal – Instituto de Educação – organizei provas parciais de “livro aberto” – prática que desanimou os alunos mais fracos, pois não sabiam procurar nos compêndios as respostas a formular⁸.

– dos processos de independência à globalização. Rio de Janeiro: UERJ/Labimi, 2014, p. 411.

7 – COSTA, Patrícia Coelho. *A voz do mestre: trajetória intelectual de Carlos Delgado de Carvalho*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007, p. 19.

8 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Rascunho de carta*. Rio de Janeiro, p. 1, 27 jan. 1975. Coleção Delgado de Carvalho, lata 13, pasta 6, item 8: Discursos e Recortes

Não bastava memorizar. Era preciso, antes de qualquer coisa, compreender. Tais perspectivas o aproximaram dos reformadores, intelectuais que discutiam a educação brasileira e que foram responsáveis por uma série de reformas. Foi fundador da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, juntamente com nomes como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Na década de 1930, a sua carreira estava plenamente consolidada. Entre os elementos de sua consagração estão “a cátedra, a admiração de intelectuais estrangeiros por seu trabalho, o sucesso editorial e a escolha para cargos administrativos no governo Vargas⁹”. Nesses anos, ficou explícita sua capacidade de transitar pelas principais instituições e espaços políticos e acadêmicos que debatiam os rumos da educação nacional. No momento em que os catedráticos do Colégio Pedro II perdiam o poder de elaborar os programas de ensino, tarefa que passou à responsabilidade do Ministério da Educação e Saúde Pública, ele participou das reformas de Francisco Campos e de Gustavo Capanema e atuou como um dos formuladores dos programas de ensino da escola primária durante a reforma anisiana no Distrito Federal (1934). Neste contexto, foi um dos principais responsáveis pela introdução dos Estudos Sociais nos currículos escolares brasileiros, disciplina que se propunha a integrar os conhecimentos históricos, geográficos, políticos, econômicos e sociológicos.

Ao rememorar a sua longa trajetória, no auge de seus quase 90 anos de idade, Delgado de Carvalho explicava a sua opção pela integração de disciplinas: “No ensino moderno, em grau médio avançado, acredito que, separar as matérias Geografia, História, Sociologia, Economia e Ciências Políticas, convenientemente dosadas, é ainda um erro que persiste¹⁰. A defesa dos Estudos Sociais não o impediu de atuar para a consolidação do campo disciplinar, publicando obras pioneiras no campo da Geografia, como *Methodologia do ensino geographico* (1925). As suas viagens aos

de Jornal.

9 – COSTA, Patrícia Coelho. *op. cit.*, p. 23.

10 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. Discurso do sócio benemérito Carlos Delgado de Carvalho ao receber em São Paulo o prêmio Boilesen. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 309, p. 158-162, out./dez. 1975.

Estados Unidos foram motivo de inspiração para a edição de uma série de livros de Sociologia¹¹, como *Sociologia e Educação* (1934), em que ficam patentes as suas propostas de renovação educacional a partir do ideário escolanovista. Na década de 1950 se tornou o primeiro brasileiro a receber a Medalha “David Livingstone”, outorgada em 1952 pela *American Geographic Society*, e se aposentou da cátedra na Faculdade Nacional de Filosofia. Quase automaticamente, em 1956, foi elevado à categoria de “professor emérito”, tendo em vista se tratar de uma “personalidade há muito consagrada no magistério e nas letras nacionais¹²”. A partir de 1958 passou a lecionar no Instituto Rio Branco, vinculado ao Ministério das Relações Exteriores. Essa experiência rendeu a publicação da obra *História Diplomática do Brasil* (1959).

O distanciamento da academia não o afastou dos estudos e da produção de materiais didático-pedagógicos. Entre 1956 e 1966, a convite do amigo Anísio Teixeira, escreveu as obras *História Geral: Antiguidade* (1956), *História Geral: Idade Média*, tomo 1 (1959), *História Geral: Idade Média*, tomo 2 (1959) e *História Geral: Idade Contemporânea* (1966) – todas editadas pela Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme). Delgado de Carvalho era um intelectual generalista, ou seja, um intelectual cujas pesquisas e atuações se estenderam a vários campos do conhecimento, não se confinando em apenas uma área específica de investigação. Com a especialização do campo científico e a ascensão dos professores catedráticos, formados pelos primeiros cursos de História e Geografia, a obra de Delgado de Carvalho passou a ser alvo de algumas críticas, o que só impulsionou suas reflexões sobre o ensino de História – disciplina que lecionava desde 1904¹³.

11 – No Rio de Janeiro, Delgado de Carvalho foi o responsável pela criação da primeira cadeira de Sociologia no Colégio Pedro II e foi o autor do Programa de Sociologia Educacional do curso de formação de professores do então Instituto de Educação do Distrito Federal, brevemente vinculado à Universidade do Distrito Federal.

12 – Parecer da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1955. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 13, pasta 2: Homenagens e Prêmios.

13 – Cf. NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. *O ensino de Estudos Sociais no Brasil: das “connexões naturaes” à integração pela via do autoritarismo* (1930-1970). Tese

Sempre atento às questões do seu tempo Delgado de Carvalho foi o primeiro a escrever um manual para a disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSPB), criada pelo Conselho Federal de Educação em 1962. A obra, publicada inicialmente em 1963, possui mais de 11 edições. Na década de 1970, duas homenagens foram rendidas ao velho professor: a reassunção como membro efetivo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em 1971¹⁴, e a indicação ao prêmio Henning Albert Boilesen¹⁵, em 1974.

O Acervo de Delgado de Carvalho no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): algumas possibilidades de pesquisa em História da Educação

O acervo particular de Delgado de Carvalho foi doado por seus descendentes ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e contém mais de 1200 documentos, armazenados em 19 latas. A coleção documental está em fase de organização por equipe coordenada pelas professoras Regina Wanderley e Vera Lúcia C. de Q. Andrade¹⁶. Entre os documentos encontram-se manuscritos e textos datilografados, esboços de importantes obras do educador, como *Geographia do Brazil* (1913) –

(Doutorado em Ciências Humanas – Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

14 – Em 1921, foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tornando-se sócio honorário já em 1937. Cf. CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. Meio século de atividades. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 292, p. 201-206, jul./set. 1971.

15 – O prêmio Henning Albert Boilesen foi instituído em 2 de abril de 1970 pela Associgás – Associação Brasileira dos Distribuidores de Gás Liquefeito de Petróleo e era distribuído anualmente a duas personalidades brasileiras ou estrangeiras que tivessem contribuído para a educação, tecnologia, ciência e cultura e para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Os nomes eram indicados por “autoridades” (professores, acadêmicos, ministros, etc.), instituições culturais e associações de classe e, posteriormente, os vencedores eram selecionados por uma comissão julgadora composta por personalidades, como membros da Associação Brasileira de Letras e reitores de universidades. Em 1974, além de Delgado de Carvalho, foi laureado o Almirante Paulo de Castro Moreira da Silva, pelos serviços prestados ao desenvolvimento do país.

16 – A pesquisa foi desenvolvida pelo autor dessas linhas nos primeiros meses de 2018, para elaboração de tese defendida na PUC-Rio em fevereiro de 2019. Agradeço a professora Vera por possibilitar o acesso ao acervo, ainda na fase de organização e catalogação, e as discussões travadas sobre Delgado de Carvalho.

seu primeiro livro escrito em português – e *Introdução metodológica aos Estudos Sociais* (1957), além de correspondências, discursos, programas de ensino, relatórios de viagens, mapas, recortes de jornais, cadernos de aulas, agendas, fichamentos de obras de John Dewey e notas de aulas ministradas no Itamaraty, no Instituto de Educação, na Universidade do Brasil. Materiais que podem servir de inspiração para novas análises sobre a vida e atuação deste longo educador brasileiro.

Entre as décadas de 1920 e 1940, por exemplo, Delgado de Carvalho organizou e realizou uma série de viagens pedagógicas aos Estados Unidos. A primeira delas ocorreu em 1928, quando teve oportunidade de frequentar alguns cursos nos prestigiados *Summer School for American Teachers* e *Teachers College* da Universidade de Columbia. No ano seguinte, acompanhou a visita de dez professores de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1939, Carvalho foi convidado pelo *Carnegie Endowment for International Peace* para uma série de conferências naquele país. Desta época encontramos cadernos de anotações¹⁷ escritos a partir da leitura de John Dewey, filósofo educacional estadunidense, recortes de jornais brasileiros e americanos e o relatório final apresentado ao governo brasileiro, responsável pela licença das atividades na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. No relatório, Carvalho apontava a necessidade de aprimorar as relações intelectuais entre Brasil e Estados Unidos e solicitava ao Presidente da República a designação de um Encarregado de Negócios responsável pela organização de intercâmbios intelectuais entre os países¹⁸. Tais recortes e relatórios são fontes possíveis para o estudo das viagens pedagógicas, nas quais Delgado teve importante atuação como presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE).

17 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Caderno de Metodologia das Ciências Sociais*. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 1, pasta 2: Estudos diversos de sociologia.

18 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Relatório apresentado ao Presidente da República*. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 17: Correspondências Oficiais.

Por ocasião do primeiro ano do suicídio do Presidente Getúlio Vargas, Delgado de Carvalho foi convidado a refletir sobre esse importante acontecimento de sua época. Para ele:

A Era Getuliana ficará, em nossa História, como um período de um quarto de século em que, presente ou afastado, o Presidente Vargas exerceu uma influência pessoal considerável sobre os acontecimentos e sobre os destinos do País [...] Nestes vinte e cinco anos, as transformações do Brasil foram maiores do que em qualquer dos séculos anteriores de sua vida colonial, imperial ou republicana¹⁹.

Embora considerasse que o professor de História não deveria discutir política, era fundamental que interpretasse os fatos históricos. Apesar dos possíveis erros, não restava dúvidas acerca das mudanças ocorridas no Brasil a partir de 1930. Ao longo de 70 anos de trabalho como professor e autor de materiais didático-pedagógicos, Delgado de Carvalho acumulou inúmeras notas de aula e reflexões sobre o ensino e a formação de professores. Destacamos as relativas ao ensino de História, objeto da atenção do docente desde a década de 1930. De 1949, com 21 páginas, há a “Metodologia e Prática de Ensino de História” objeto de estudo no Instituto de Educação do Distrito Federal. Carvalho se insurgiu contra o ensino de uma História prioritariamente política, o que aponta na escrita de seus livros didáticos:

Longe de mim a idéia de reformar os estudos de História; limitei-me apenas a sugerir algumas diretrizes que me parecem mais acertadas: como sejam: maior atenção prestada às condições econômicas e às feições culturais, melhores ligações entre a História e Geografia [...] e principalmente uma tendência a “deseuropeizar” (*sic*) a História, pois é ministrada a alunos que não são europeus. Daí a ênfase que procurei dar às respectivas histórias da Ásia e da África medievais [...] ²⁰.

19 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Carta sobre Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, Ago. 1955. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 17: Correspondências Oficiais.

20 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *A História: ligação do presente ao passado*. Rio de Janeiro, Dez. 1960, p. 1. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 11, pasta 6: Ensino de História.

Já na década de 1930 defendia um currículo que atentasse para História da África, algo que só se tornou obrigatório no currículo escolar brasileiro na primeira década do século XXI. Não obstante a longa trajetória acadêmica e vasta obra, Delgado de Carvalho não deixou nenhum livro autobiográfico. Mais uma vez o seu acervo pessoal representa uma fonte valiosa neste sentido, principalmente a partir dos documentos produzidos entre 1960 e 1970, nos quais o intelectual reflete sobre aspectos da carreira. Expressivas a esse respeito são as pastas dedicadas ao prêmio Boilesen, que contêm o discurso, os livros dos prêmios, os muitos telegramas de felicitação pela homenagem e a *Revista do Gás* (1974) – com uma retrospectiva da carreira de Delgado de Carvalho, além de inúmeras fotos e depoimentos²¹.

São significativas as diferentes congratulações recebidas pelo mestre. De anônimos a figuras de destaque no cenário intelectual brasileiro, como Alceu Amoroso Lima e Arthur C. Ferreira Reis, escreveram para Delgado. Um militar anônimo, por exemplo, reconheceu a importância de suas obras: “Parabéns de uma pessoa que não o conhece, porém, para realizar o concurso para a Escola de Comando e Estado Maior do Exército estudou nos livros de Geografia, em particular o que trata das ‘Regiões Brasileiras’”. O ex-ministro da educação Gustavo Capanema lhe enviou “calorosas felicitações” e “afetuosos abraços²²”.

Ao agradecer o prêmio, Delgado se disse surpreso:

Passei os 90 anos, e julgava que era ainda cedo para receber qualquer prêmio, a não ser o da longevidade. Por isso, foi grande a minha surpresa, e maior ainda a minha emoção, ao ter a notícia do valioso PRÊMIO BOILESEN. Valeu, bem por isso, eu ter me atrasado um pouco no meu adiantadíssimo crepúsculo²³.

21 – Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 13.

22 – Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 2, pasta 12: Homenagens e prêmios. Cf., ainda, a lata 13.

23 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de Carvalho. *Rascunho de carta*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1975. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 13, pasta 6, item 8: Discursos e Recortes de Jornal.

A sua reflexão, ao agradecer tal distinção, como não podia deixar de ser, recaiu sobre o ensino. Os Estudos Sociais foram definidos como o seu “cavalo de batalha”:

No meu “cavalo de batalha”, como dizem os franceses, foi uma constante a preocupação de tratar os diferentes setores das Ciências Sociais como conjunto de influências recíprocas. Bem entendido, semelhante coquetel só pode ser oferecido aos estudantes dos últimos anos dos cursos secundários, isto é, depois de ter seguido, nos primeiros anos do curso ginásial os programas paralelos, mas separados das duas disciplinas básicas. Depois de alguns anos de meditação e planejamento, se assim posso dizer, diante de programas que com isso não concordavam, a aposentadoria me silenciou ²⁴.

Desde a década de 1930, Delgado de Carvalho advogou a maior articulação no ensino das disciplinas que compõem as Ciências Sociais tanto no primário quanto no secundário. Em alguns momentos chegou a justificar a criação de uma nova disciplina escolar intitulada Estudos Sociais. Com esse intuito organizou o *Programa de Ciências Sociais* (1934), aplicado nas escolas primárias do Distrito Federal durante a gestão de Anísio Teixeira, e escreveu as obras: *Didática das Ciências Sociais* (1949) e *Introdução metodológica aos Estudos Sociais* (1957) – seu livro mais conhecido sobre o tema. No Brasil, os Estudos Sociais são envoltos em grande polêmica, principalmente, pela sua obrigatoriedade a partir da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus (1971) no auge da Ditadura Militar (1964-1985). Nestes anos, os Estudos Sociais substituíram a História e a Geografia no currículo escolar da escola de 1º grau (atuais Anos Finais do Ensino Fundamental), com tais disciplinas sendo ministradas apenas no ensino de 2º grau profissionalizante (atual Ensino Médio). Contudo, há inúmeras diferenças entre as propostas de Estudos Sociais de Delgado de Carvalho e as defendidas por Raimundo Valnir Chagas, responsável pela sua formulação em 1971. A principal delas é a preocupação de Carvalho com a formação para a cidadania em uma sociedade democrática.

24 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de Carvalho. Discurso do sócio benemérito Carlos Delgado de Carvalho... *op. cit.*, p. 159.

A pesquisa em seu acervo permitiu a descoberta de duas reflexões sobre os Estudos Sociais ainda não exploradas pelos pesquisadores e ora transcritas: “Notas sobre Estudos Sociais (1968) e Notas sobre programas de Estudos Sociais” (1969) , ambos em papel com cabeçalho “Ministério da Educação e Cultura”. Infelizmente, não conseguimos identificar se foi uma consulta deste ministério ao educador e a razão da sua escrita neste papel timbrado. São textos que nos ajudam a compreender as permanências e discontinuidades no seu pensamento. Seu valor é incomensurável por se tratarem de notas publicadas após os Estudos Sociais serem indicados como disciplina facultativa do currículo escolar (1962), em todo o país, e já no contexto da ditadura. Delgado estava aposentado, mas não silenciado como reclamava em artigo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

As investigações acadêmicas sobre os Estudos Sociais reconhecem o papel de Delgado de Carvalho na conformação dessa disciplina, porém concedem uma primazia à leitura de *Introdução metodológica aos Estudos Sociais* (1957). Depois há um silenciamento em relação às suas propostas para os Estudos Sociais nas décadas de 1960 e 1970, período em que o educador, apesar da avançada idade, ainda estava em plena atividade intelectual. Isso certamente ocorreu pela ausência de fontes disponíveis para esse período, lacuna que a maior divulgação de seu acervo permite romper. Portanto, a transcrição de “Notas sobre Estudos Sociais” (1968) e “Notas sobre programas de Estudos Sociais” (1969) , de um lado, apresenta a possibilidade de um novo olhar para a história da disciplina Estudos Sociais na escola brasileira, de outro, sintetiza um refinamento da escrita de Delgado provocado por anos de reflexão sobre o ensino de História, Geografia, Sociologia e Estudos Sociais. Delgado de Carvalho sinalizava a sua função metodológica no currículo escolar:

Os Estudos Sociais constituem uma disciplina que visa a submeter à atenção e à reflexão da geração estudantil os acontecimentos sociais da hora presente e, por meio do conhecimento do passado, de pesqui-

sas e de comparações, orientá-la no sentido de sua mais fácil adaptação às atualidades sociais²⁵.

Pouco mais de uma década após a produção de *Introdução metodológica aos Estudos Sociais*, o termo “integração ao meio social”, presente naquele livro, foi substituído por “mais fácil adaptação às atualidades sociais”. Mesmo assim os Estudos Sociais permanecem com seu caráter de reflexão e associam-se à ideia de preparo social e construção, nos alunos, de “juízo crítico”. Delgado de Carvalho não defende, nos documentos transcritos, a supressão da História e Geografia do currículo escolar, como ele havia feito em várias ocasiões entre as décadas de 1930 e 1950 e como efetivamente ocorreu a partir da reforma de ensino de 1971, mas a inclusão de uma disciplina intitulada Estudos Sociais – de forma complementar às disciplinas já existentes. Sua função seria consolidar o conhecimento aprendido através da História e da Geografia, ministradas como disciplinas independentes. Para tal, o conhecimento teria como fim possibilitar o aluno a viver melhor, a compreender a sua sociedade, a ser crítico, um cidadão. Alguém que sabe interpretar o mundo em vive. Para isso seria primordial a ênfase no ensino da História do Tempo Presente, o uso de documentos em sala de aula e a abordagem através da História Integrada. Não bastava o ensino de uma História política e factual, baseada na simples memorização. Era necessária uma integração entre os conteúdos e variadas abordagens do conhecimento humano.

Nas décadas de 1960 e 1970, pelo fato de o educador ser um defensor dos Estudos Sociais e autor de uma obra de OSPB adotada em todo o país, muitos o associaram à política educacional imposta pela ditadura que tornou obrigatório o ensino de tais disciplinas nos diferentes níveis de ensino²⁶. Delgado de Carvalho, em suas “Notas sobre os Estudos

25 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. Notas sobre Estudos Sociais. Rio de Janeiro, abr. 1968. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 11, pasta 3: Ensino de Estudos Sociais, p. 2.

26 – Importante salientar que, embora, as disciplinas Estudos Sociais e OSPB estejam fortemente atreladas à ditadura militar, elas são anteriores a esse contexto. Apesar da permanência da nomenclatura, sua forma, conteúdos e objetivos foram alterados com o passar dos anos. Desse modo, os Estudos Sociais e a OSPB das décadas de 1970 e 1980 não são as mesmas pensadas por Delgado de Carvalho, o que é reforçado pela análise

Sociais”, reafirmava sua opção de Estudos Sociais, em detrimento daquilo que era preconizado por Valnir Chagas e da conjuntura de restrições à cidadania, sobretudo, a partir de dezembro de 1968. Para além de toda defesa de Estudos Sociais como uma metodologia de ensino, muito mais até do que uma disciplina escolar, Carvalho salientava, que a escola é a grande responsável por fornecer os instrumentos para uma boa cidadania: consciente e participativa. Nada mais distante do que caracterizou a escola brasileira naqueles anos.

Ao leitor, convido a novas interpretações sobre os documentos e sobre o acervo de Delgado de Carvalho. Certamente, eles representam um contributo tanto à escrita biográfica do educador, considerado o “pai” da Geografia Moderna, quanto uma possibilidade de reflexão sobre o ensino das Ciências Humanas ontem e hoje.

DOCUMENTO 1²⁷

Notas sobre Estudos Sociais²⁸

Rio de Janeiro, abril de 1968

C. Delgado de Carvalho

Conhecidas pelo estudante as matérias do curso *ginasial*, é indicada uma revisão no *colegial* para acompanhá-las de explicações que o levem a compreendê-las melhor. O estudante precisa conhecer o mundo em que vai viver como médico, técnico, engenheiro, advogado ou bancário.

Atualmente não se trata mais de adquirir conhecimentos enciclopédicos, mas apenas vistas reais com fins de *adaptação ao meio social*.

dos documentos transcritos. Cf. NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. *O ensino de Estudos Sociais no Brasil: das “connexões naturais” à integração pela via do autoritarismo (1930-1970)*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

27 – Mantém-se a fidelidade dos textos, respeitando-se a ortografia adotada pelo autor.

28 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Notas sobre Estudos Sociais*. Rio de Janeiro, abr. 1968. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 11, pasta 3: Ensino de Estudos Sociais.

Os ornatos do espírito podem vir oportunamente nas horas de fazer da profissão.

O curso ginásial é suposto preparar o estudante de 15 a 16 anos em *geografia, história e letras*. É esta a base essencial para o curso colegial. Conviria, entretanto, que as matérias fôssem estudadas como se apresentam na realidade, isto é, sob a forma de *Estudos Sociais*, coordenando *Geografia Humana, História, Sociologia Cultural, Economia e Política*.

Para a aplicação dos Estudos Sociais ao curso colegial ou mesmo ao superior, é necessário um planejamento para a *coordenação das matérias*, observando certas condições.

a) Sem eliminar a História Geral como tema de estudos, maior ênfase deve ser procurada na *História do Tempo Presente*.

b) A comparação, com analogias e contrastes, é uma alavanca espiritual que facilita a motivação, encontrada no interesse pelas atualidades.

c) Não progridem unicamente as ciências naturais; *novos assuntos* surgem constantemente nas Ciências Sociais. Os professores de trinta anos atrás estão superados.

d) os métodos de estudos, em Estudos Sociais, se apresentam de modo diferente. O compêndio decorado, a aula ditada, o próprio método expositivo em preleções são coisas do passado. O *estudo modernizado* requer mapas, ilustrações, leituras e consultas de livros, exercícios práticos, pesquisas e discussões sobre *Temas* escolhidos.

Os Estudos Sociais constituem uma disciplina que visa a submeter à atenção e à reflexão da geração estudantil os acontecimentos sociais da hora presente e, por meio do conhecimento do passado, de pesquisas e de comparações, orientá-la no sentido de sua mais fácil adaptação às atualidades sociais.

As Ciências Sociais são várias, mas, num “estudo social”, de *um caso*, o assunto tem, devido a esta variedade, diferentes *aspectos*, segun-

do se considera uma ou outra destas ciências. O “estudo social”, pois, é um conjunto de *manifestações* de circunstâncias humanas.

Na projeção dessas manifestações sobressaem idéias, mudanças, conflitos que refletem valores, escolhas, preferências, sentimentos de simpatia ou de hostilidade. Em Ciências Naturais, o observador pode-se manter nêutro; em Ciências Sociais é mais difícil, porque êle pertence a um “*quadro social*”, mas êle pode ser sucinto e justo.

Os estudos sociais, como manifestação da natureza humana, são essencialmente *conseqüências de inter-relações* de uma sociedade numa determinada época. Daí a importância de procurar restaurar o ambiente material daquela época: sinais, símbolos, livros, objetos, documentos, edificado, encarando os três pontos de vista principais: geográfico, econômico e político.

O isolamento relativo que pode ser obtido no laboratório de Ciências Naturais é impossível no estudo social. De fato, não existe divisão nítida e precisa entre as Ciências Sociais quando observadas numa manifestação de inter-relações sociais. A separação clássica efetuada no ensino entre História, Geografia, Economia, Sociologia e Política é arbitrária e só obedece a fins práticos de pesquisa elementar.

Mas a vida social de inter-relações é tão complexa que ainda não foi possível constituir um corpo de princípios e tema enquadrando todos os dados importantes das Ciências Sociais. Entretanto, diz o historiador americano Charles Beard, “é antes devido ao pensamento social do que às descobertas em Ciências Naturais que o mundo goza de tamanha liberdade de consciência e de opinião que lhe é concedida na atualidade. É o espírito de pesquisa social que torna possível a solução dos conflitos sociais e por isso pode ser tido como um valor em si, embora não possa criar uma verdadeira Ciência da Sociedade”.

A educação tem passado progressivamente, neste século, do lar para a escola. As preocupações educacionais dos pais eram e continuam a ser de ordem material ou vocacional, isto é, de natureza a habilitar o edu-

cando a um ofício. O filósofo que se incumba do adolescente, se preocupava e, ainda, se preocupa da parte cultural, isto é, dos conhecimentos mais apreciados em sociedade. Mas o terceiro objetivo, o preparo social, é raramente levado em conta. Ao indivíduo educado cabe se moldar ao mundo em que vai viver e aprender à custa de sua experiência. Só, então, aprende a utilizar fontes de informação, a consultar livros em bibliotecas, a ler revistas entendendo do assunto, a interpretar relatores e notícias, a discutir sem se revelar desprivinado.

Diz o professor inglês James Hemming: “os setores mais adiantados da indústria estão verificando que eficiência e felicidade no trabalho são grandemente aumentadas se cada trabalhador sabe o respeito da indústria em qual trabalha, a contribuição que ela presta à economia nacional e também a parte que lhe cabe na sua fábrica e as suas relações com o pessoal. É no sentido de semelhante conhecimento que os “Education Officers” falam em “educação para a identificação”. É exatamente a esta identificação que visam os estudos sociais, não apenas para o trabalho numa fábrica, mas para uma identificação com o mundo das realidades sociais.

Admitindo que, num curso mais modernizado, fôssem consagradas *duas aulas* semanais aos Estudos Sociais, um mesmo tema ou assunto seria semanalmente exposto e discutido.

Três estudantes de cada vez, isto é, para cada tema, seriam escolhidos como *reporteres* da turma, constituiriam a *mesa* onde relatariam os resultados de suas pesquisas e receberiam as *perguntas*, as *observações* e as notas trazidas pelos colegas. Ao professor caberia a *orientação dos trabalhos*, a escolha do tema, a formulação das perguntas, a indicação da bibliografia e dos pontos e, por fim a conduta das discussões.

Na primeira aula, depois da *exposição dos objetivos*, seria escolhido o *Tema* e seriam indicados os *reporteres*. A *leitura* dos elementos essenciais do tema seria seguida do *questionário*, das *referências* e da *definição* dos termos empregados para evitar confusões.

Na segunda aula, a matéria do *Tema* escolhido seria trazido pelos três reporteres em fôlhas cuidadosamente redigidas. Cada reporter faria a *exposição dos tópicos* que lhe couberam na divisão do assunto. Durante esta fase expositiva, caberia a cada um dos estudantes tomar notas do que foi dito e do que êle mesmo pretende acrescentar, perguntas ou críticas.

Em seguida viria a *fase das discussões* sob o controle absoluto do mestre. A palavra é dada aos estudantes da turma, ficando porém ao mestre a incumbência de formular as *conclusões*, depois de feitas as suas críticas.

Por fim, são recolhidos os relatórios escritos por três reporteres e as notas tomadas pelos seus colegas.

São então indicados os três reporteres do próximo tema.

Os casos de “Estudo Social” que podem servir de *Tema* para as vinte aulas de um ano letivo, são tão necessárias que não há possibilidade de se redigir um *Manual* que contenha centenas (ou milhares) de combinações possíveis de História, Sociologia, Geografia, Economia e Política. Em todos os temas, entretanto, sobressae sempre *uma das disciplinas* que fornece os *fios principais* da trama.

Exemplos:

- | | |
|------------|--|
| Geografia | – A noção de fronteira |
| | – O Homem e o Rêlevo |
| | – O Canal de Suez |
| | – Dietas alimentares de diferentes regiões |
| Sociologia | – As Favelas |
| | – Crime e delinqüência |
| | – As migrações |
| Economia | – O Mercantilismo |
| | – A revolução industrial |
| | – A questão do Trigo |
| | – Indústria automobilística |

- Ciências – Regime Parlamentar
 Políticas – Nações Unidas
 – Contrabando
 – Os impôstos
 – Os Poderes do Executivo nas Constituições de 1891 a 1967.

Nôta: Em todos os temas as referências ao Brasil, quando vêm a propósito, devem ser levadas em consideração. Há nisso um pouco do “*Ensino Cívico*” do passado.

É possível que o acolhimento de semelhante inovação no currículo colegial não seja entusiástico: supõe um sistema didático bastante diferente e supõe certas atividades magisteriais que exigem preparo.

Nessas condições poderiam ser convocados mestres mais moços, desejosos de inovar mesmo. Em duas ou três reuniões, tomariam conhecimento do mecanismo das aulas de Estudos Sociais, a exemplo do que se passa nos institutos estrangeiros. Em seguida, com estudantes de boa vontade praticariam algumas vêzes, para se habilitarem a lecionar em estabelecimentos de ensino.

Tema N (Modelo de Questionário)

Crime e Delinqüência

1. Conceito Sociológico do Crime – Definição

Pontos de vista de certos criminalistas.

2. Evolução das Instituições Penais

Cristianismo – Sistema Tradicional – Escolas Diversas – Beccaria – Lombroso.

3. Individualização da *Responsabilidade*

Livre-arbítrio – Evolução da noção

4. Classificação dos tipos de delito

5. Os delinqüentes.

Delinqüencia feminina e juvenil.

(Parte mais importante a discutir)

6. Causas da Delinqüencia

O meio físico – o individuo e suas aptidões – Hereditariedade – Fatores econômicos – A Família – A Educação – A Comunidade – Influências diversas – O jornal – O cinema etc.

7. Prevenção e Penologia – Polícia

Reformatórios e Penitenciarias no Brasil

O Nosso Código Penal – O Juri

8. O suicídio e o duelo

DOCUMENTO 2

NOTAS SÔBRE PROGRAMAS DE ESTUDOS SOCIAIS ²⁹

Professor C. Delgado de Carvalho

I – Os franceses dizem que estudar é “nutrir o espírito”; Marcel Prévost diz que aprender “engrandece a vida”, abrindo novas possibilidades de conhecer, passando do que se sabe para o que se precisa saber. Ora, *nunca se quis saber tanto* quanto no mundo de hoje. Daí as numerosas publicações de vulgarização em todos os ramos científicos. Para delas tirar proveito, entretanto, (e não satisfazer apenas uma curiosidade passageira) é necessária uma preliminar *sistematização dos conhecimentos* já adquiridos, que condicione o desejo de *saber mais* e sirva de escada.

29 – CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Notas sôbre Programas de Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, out. 1969. Coleção Delgado de Carvalho, IHGB, lata 11, pasta 3: Ensino de Estudos Sociais.

II – Matemática e Ciências Físicas e Naturais são de grande importância na “nutrição” do espírito, mas os Estudos Sociais tem um valor humano especial porque a sua esfera de conhecimentos envolve a própria vida social e o indivíduo nela entra como parte na ação. Nas Ciências exatas e nas Ciências biológicas, existe uma sequência clássica, uma sistematização lógica nos assuntos a estudar; não pode ser invertida a ordem dos conhecimentos necessários. Nos Estudos Sociais, o mesmo não se dá, pois a ordem cronológica na História não é norma absoluta. Na *Geografia humana*, na *História econômica*, na Sociologia, na *Organização Social e Política* não há uma sequência inevitável de matérias a examinar. Daí a dificuldade de elaborar programas destes ramos de estudos sociais; daí também a necessidade de saber limitar os *têrmos* a escolher.

III – A redação de um programa de Estudos Sociais, seja êle de Geografia, de História, de Economia Política ou de Sociologia, deve visar, antes de tudo, ser exeqüível, isto é, poder ser dado *completo*, dentro do número de horas atribuídas à matéria. Em realidade, não é, infelizmente, isto que se passa no ensino. São três as razões desta deficiência. Em primeiro lugar, o desejo do professor, redator do programa, de evidenciar a sua erudição e sua competência. Em segundo lugar, o professor-mestre da matéria demora mais nas primeiras aulas mais do que é necessário e, embora não chegue a dar o programa, precipita as últimas lições no fim do ano. Em terceiro lugar, porque o coordenador da matéria não fiscaliza periodicamente o andamento do curso. Em consequência, um programa deve ser curto, dividido em dois semestres e só conter o essencial que cabe ao professor desenvolver.

IV – Hoje, em dia, verifica-se que há muito mais cousas a aprender e que vai diminuindo o tempo que há para estudá-las devido à multiplicidade das ocupações da vida moderna. Nestas condições, os Estudos Sociais devem se conformar a novos critérios resultantes desta vida moderna. Em História, por exemplo, a cultura clássica exige com razão um certo conhecimento da Antiguidade. Mas ao Oriente, à Grécia e a Roma não devem ser sacrificados os temas de História Moderna. Por sua vez, a História Contemporânea, a *História do tempo presente* constituem elementos es-

senciais do Ensino Secundário. *A História das Relações Internacionais é*, por isso, disciplina já adotada nos Institutos de direção mais esclarecida.

V – Em países de instrução pública adiantada, como na França, já se deu a evolução para um estudo mais adequado da História Contemporânea. Não podem porém os programas estrangeiros ser copiados para o ensino brasileiro. Há dois assuntos quase ignorados na Europa que, para nós são capitais: a *História do Brasil* e a *História da América*. Entretanto, o modo pelo qual são ensinados necessita de modificação. A nossa História está demasiadamente ligada à História Universal para fazer dela, no ensino secundário, uma disciplina isolada. A dança do “cavalier seul”, em História do Brasil, deve ser reservada ao ensino primário. Em História Contemporânea, a metade do livro deve ser de referência ao Brasil, pois nela se acha a “razão de ser” de quase toda a nossa História.

VI – O interesse e a significação que representa o estudo da História contemporânea da Europa, precisam passar a serem levados também em consideração na História da América. De alguns anos para cá, os nossos compêndios trazem uns dados sobre a *História dos Estados Unidos*, mas reina ainda certa despreocupação a respeito da *América Latina*, entretanto vão crescendo as nossas relações com a Hispano-América e o Mercado Comum nos convida a estudar as feições políticas, sociais e econômicas de nossos vizinhos, tanto mais que o que mais se impõe, a este respeito, é um estudo comparativo das vinte nações. Em relação à História do Brasil, é a *História da República* que precisa ser estudada em detalhe para a melhor compreensão da hora presente.

VII – Nos Estudos Sociais, quaisquer que seja a distribuição dos cursos, a *Geografia* e a *História* devem ser ensinadas paralelamente e a importância dos mapas geográficos, econômicos e históricos os torna necessários em todos os manuais destas matérias. A *Geografia* explica a *Economia*, a *Economia* explica a *História* e a *Organização Social e Política* é a conclusão prática destas disciplinas.

VIII – No corpo discente, ginásial principalmente, surgiram críticas dos *métodos* de ensino, dos *compêndios* e dos *exames* de História que requerem excepcionais aptidões mnemotécnicas para memorizar a matéria ensinada. As críticas não são descabidas. A memória como persistência do passado supõe *conservação* dos fatos, sua *repetição* e sua *localização* no tempo e no espaço, mas exige *intento*, *atenção* e *compreensão*. Nestas condições (embora convenha ser exercitada) a memória deve ser poupada e reservada para a repetição de cousas úteis. No estudo da História, só devem ser entregues à memorização os fatos essenciais, acompanhados ou não de circunstâncias a eles relativas. Mas a *compreensão* é a condição essencial da conservação e da reprodução dos fatos, deve ser a operação intelectual constantemente repetida no ensino. Se um indivíduo normal esqueceu cedo o que tinha aprendido de cor é porque faltaram as explicações destinadas a fazê-lo compreender os fatos. O que foi compreendido é mais fácil de ser reproduzido do que o que foi decorado. É pois essencial *Explicação*.

IX – Mais triste do que foi *decorado* é o destino do que foi *ditado*. O mestre que dita o seu curso, de duas cousas: ou não está muito seguro no assunto que trata ou tem preguiça de se dar o trabalho de por em dias suas lições. O ditado (alias como também acontece com as notas mal tomadas) é frequentemente a fonte de muitos erros, inexatidões ou mesmo absurdos que o aluno leva para casa, atribuindo o texto ao professor. Esta crítica, evidentemente, não se aplica a umas poucas linhas ditadas, para confirmar um esclarecimento ou citar um documento.

X – A *Documentação* é exatamente um dos pontos deficientes de nosso ensino de Estudos Sociais. Ilustrações poucas, pobres ou mal escolhidas entraram nos nossos manuais no princípio do século; não tem melhorado muito. *Leituras* são atualmente apresentadas, mas a documentação de *Textos da época estudada* ou de países ou regiões percorridas ainda é muito rara. Entretanto, como base de *motivação*, o documento é de incontestável valor. O aluno se interessa mais aos assuntos dos quais ele já tem algum conhecimento. Uma carta de D. Pedro I (bem escolhida), um trecho de Erasmo, uma lei da Revolução Francesa podem constituir

pontos de partida para aulas cativantes que, conservadas na memória, porque ouvidas e lidas atentamente, repetirão os fatos quando for necessário “contar a história”.

XI – Quanto ao ciclo colegial, no qual são geralmente repetidos apenas os programas do ginásio, às vezes com os mesmos compêndios, seria preferível visar uma melhor integração na vida moderna dos discentes de 16 a 18 anos que cursam este ciclo. Três objetivos podem ser considerados na distribuição das matérias:

1º – Uma *História Geral das Civilizações*, lecionada, em nível superior, integrando a Geografia, a História e Noções de Economia e Política. O desenvolvimento da Humanidade desde a Antiguidade até os tempos atuais, abrangendo a história das Ciências, das Letras, das Artes em suas diferentes *fases de cultura*.

2º – Uma *História da Civilização Brasileira*, baseada no programa anterior, visando a Organização Social, Política e Econômica, como vem sendo feito em muitos Institutos, seguindo as sugestões do Sr. Conselheiro Newton Sucupira.

3º – Uma seleção de *Relações Internacionais*, como já entrou em prática em vários cursos colegiais com grande proveito para os educadores. Consiste em escolher *assuntos da atualidade*, procurar nos jornais, revistas, anuários e livros as origens das questões como sejam: o “Conflito do Vietnã”, a “Política Interna da Colômbia nas últimas décadas”, a “Industrialização do Japão”, o “Mercado Comum Europeu”.

CONCLUSÃO – O espírito humano está, na hora presente, assediado por uma multidão de coisas a aprender. Se forem bem escolhidos os pontos de partida mais importantes, os progressos serão apenas limitados pela capacidade do indivíduo.

Em conformidade com as idéias expostas nas onze notas, seria mais ou menos, a seguinte a distribuição das matérias a serem tratadas na elaboração de *Programas de Ensino Médio de História*.

CICLO GINASIAL

1ª série – HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

América Précolombiana

2ª série – HISTÓRIA MODERNA

Europa e América Colonial, particularmente Brasil

3ª série – HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: XIX o século

Europa, Ásia, África – América independente

Brasil Império

4ª série – HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: XX o século

Europa, Ásia, África – América

Brasil República

CICLO COLEGIAL

1ª série – HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES

2ª série – HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Organização Social, Política e Econômica

3ª série – RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rio, outubro de 1969

Texto apresentado em setembro de 2020. Aprovado para publicação em maio de 2021